BOLETIM DO GT

A MULHER NA LITERATURA

Nº VII

Associação Nacional de
Pós-Graduação e Pesquisa
em Letras e Lingüística
ANPOLL

BOLETIM DO GT

A MULHER NA LITERATURA Nº 7

Coordenação:
Elódia Xavier
Lúcia Helena Vianna

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística
ANPOLL

UFRJ
Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas
Faculdade de Letras/UFRJ
1998

ANPOLL (1996 - 1998)

DIRETORIA

Presidente - Eduardo Roberto Junqueira Guimarães
Vice-Presidente - Margarida Maria Taddoni Petter
Secretário Executivo - Antônio Dimas
Secretária Suplente - Maria Célia de Moraes Leonel
Tesoureira - Angela B. Kleiman
Tesoureiro Suplente - Paulo Franchetti

CONSELHO

Titulares

Sonia Maria van Dijck Lima
Regina Zelberman
André Luiz de Lima Bueno
Erasmo d'Almeida Magalhães
Lídia Fachin
Stella Maria Bortoni
Lúcia Teixeira de Siqueira e Oliveira
Adair Pimentel Palácio

Suplentes

Gentil Luiz de Lima
Maria do Carmo Campos
John Robert Schmitz
Kazuê Saito de Barros
Freda Indursky

GT "A Mulher na Literatura"
Coordenadora: Elódia Xavier
Vice-Coordenadora: Lúcia Helena Vianna

APOIO

Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas
Faculdade de Letras / UFRJ
CAPES / CNPq

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO

2. PROGRAMA DO XIII ENCONTRO DA ANPOLL

3. CONFERÊNCIA DE LIA ZANOTA MACHADO

4. PESQUISAS DOS/AS PARTICIPANTES

5. ENDEREÇOS DOS/AS PARTICIPANTES

6. ATUALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

APRESENTAÇÃO

O Boletim nº7 do GT A Mulher na Literatura, vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Lingüística (ANPOLL), se propõe, como os anteriores, a divulgar a Programação das atividades do GT no XIII Encontro da ANPOLL e as pesquisas que vêm sendo realizadas por este grupo de trabalho, atualizando informações e bibliografia.

Estas publicações de caráter informativo têm se revelado importantes elementos de integração entre os pesquisadores da área, suplantando de longe os modestos objetivos visados.

O GT A Mulher na Literatura, ao longo de seus dez anos de existência, efetivou a sistematização das pesquisas, divididas em três grandes linhas: *teoria e crítica feminista:vertentes*, *a questão do cânone* e *estudos de gênero*. A vitalidade do GT tem se feito comprovar através do expressivo número de participantes inscritos (mais de quarenta) e pelo mérito dos trabalhos realizados, muitos dos quais já resultaram em publicações que constituem hoje seguras fontes de referência para estudiosos da área.

Neste XIII Encontro da ANPOLL, sentiu-se a necessidade de promover a exposição geral das pesquisas realizadas ou em andamento, com vistas a uma real tomada de consciência da situação dos estudos sobre a mulher na literatura no momento atual, como também a reflexão acerca dos rumos metodológicos e críticos. Pairam no ar questões que dizem respeito a todas as nossas pesquisas: de que forma a teoria crítica feminista vem subsidiando as pesquisas apresentadas? quais as metas alcançadas e por alcançar?

A programação do XIII Encontro da ANPOLL impôs ao planejamento do GT uma restrição de tempo para as atividades específicas. Dessa forma, o GT concentrou no primeiro dia do Encontro a apresentação das comunicações, em formato de resumo (cinco laudas), distribuídas por tópicos dominantes, de acordo com as linhas que têm orientado os trabalhos do grupo, sob o título geral de As pesquisas sobre a mulher na literatura hoje. No

segundo dia, as atividades terão início com a conferência de Lia Zanota Machado (UnB), especialmente convidada para a ocasião, que falará sobre metodologia nos estudos feministas, seguida de debate coordenado por Susana Bornéo Funck e Constância Lima Duarte.

Como parte da programação geral do XIII Encontro, o GT participa da mesa interGT "A mulher posta à mesa", através da representação de Rita Terezinha Schmidt, com o texto intitulado "Do sujeito mulher e da categoria de gênero: reflexões de um lugar, de um fazer, de um saber". Também compõem esta mesa Angélica Soares (GT Teoria do texto poético), Maria Emília Barcellos (GT Lexicologia, Lexicografia e Terminologia) e Aimara da Cunha Resende (GT Estudos Shakespearianos). Encerrando as atividades do segundo dia, a aprovação do biênio passado e do plano diretor para o próximo, com eleição das novas coordenadora e vice.

Uma conquista deste GT , no curso de sua existência, foi, sem dúvida, a rede de solidariedade intelectual entre pesquisadores de diferentes instituições universitárias de diversas regiões e estados do país; é gratificante fazer parte de tudo isso...

Agradecemos a todas(os) companheiras (os) pela colaboração prestada.

Elódia Xavier

Lucia Helena Vianna

PROGRAMAÇÃO

9/6/98 - noite

20h - Abertura

Lançamentos: Revista ANPOLL, Quem é Quem, Livros, ANAIS

10/6/98 - manhã

8h e30min. - Recepção dos participantes

9h às 12h - Atividades internas dos Gts

10/6/98 - tarde

12h e 30min. - Almoço

14h às 19h - Atividades internas dos Gts

17h - Coffe-break

11/6/98 - manhã

9h às 12h - Atividades internas dos Gts

10h e 30min. - Coffe-breake

12h e 30min. - Almoço

11/6/98 - tarde

14h às 17h - Mesas-redondas inter-GTs

"A Mulher Posta à Mesa"

Coordenadora: Elódia Xavier

Participantes: Rita Terezinha Schimdt

Angélica Soares

Aimara da Cunha Resende

Maria Emília Barcellos da Silva

17h - Coffe-break

17h às 19h e 30min. - Atividades internas dos Gts

12/6/98 - manhã

9h às 12h

Mesa-Redonda - Letras, Linguística e a Política de Pesquisa no País

Coordenador: Eduardo Guimarães - Unicamp

Participantes: Diana Luz Pessoa de Barros - USP

Ana Lúcia Gazola - UFMG

Fernando Costa - Unicamp

10h e 30min. - Coffe-break

12h e 30min. - Almoço

12/6/98 - tarde

14h - Assembléia Geral

16h e 30min. - Encerramento

14h às 15h e 30min. - A primeira metade do século XX

1.Nadilza Martins de Barros Moreira (UNESP): "A condição feminina na narrativa de Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin"

2.Constância Lima Duarte (UFRN): "Henriqueta Lisboa - uma biografia intelectual"

3.Izabel Brandão (UFAL): As mulheres na imprensa de Alagoas: de 1900 a 1940"

4.Sylvia Perlingueiro Paixão (UFRJ):"A República dos Sentimentos: revista *Única* (1925-27) e espaço feminino no Rio de Janeiro".

5.Maria Helena M. F. de Mendonça (UFRJ): "A crônica brasileira de autoria feminina".

16h às18h - Literatura contemporânea

1.Susana Bornéo Funck (UFSC): "Gênero e paródias de gênero: as histórias de amor de Carter, Winterson e Byatt".

2.Lúcia Helena Vianna (UFF): "A tradição desviante"

3.Peônia Viana Guedes (UERJ): "O outro como sujeito: a mulher e o conto nas literaturas contemporâneas de língua inglesa".

4.Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ): "A memória do trovadorismo galego-português na poesia novecentista (galega, portuguesa e brasileira)".

5.Eliane Campelo (UFRS): "A mulher-artista na obra de escritoras norte-americanas contemporâneas".

6.Elizabeth Marinheiro (UEPB): "Contemporaneidade na literatura nordestina"

18h às 19h - Questões de gênero e cânone

1.Belmira Magalhães (UFAL): "A representação de gênero em textos de autoria feminina e masculina".
2.Eduardo de Assis Duarte (UFMG): "Gênero e comparativismo: um estudo do imaginário masculino e feminino na representação literária".
3.Lívia Maria de Freitas Reis (UFF): "A questão do cânone: o caso da literatura de testemunho".
4.Luiz Fernando Medeiros de Carvalho (UFF): "Letra de canção e poética feminina".

Dia 11/6/98 - manhã

9h às 12h- Conferência da Profa. Lia Zanota Machado (UnB) acompanhada por duas debatedoras do GT: Susana Bornéo Funck (UFSC) e Constância Lima Duarte(UFRN).

14h às 17h - Mesa - redonda inter-GT .
A participante do GT A Mulher na Literatura, Rita Terezinha Schmidt (UFRS), falará sobre: "Do sujeito mulher e da categoria de gênero: reflexões de um lugar, de um fazer, de um saber."

17h às 19h e 30min. - Aprovação do relatório do biênio e do plano para os próximos dois anos: eleição da coordenadora e vice do GT.

Enfoques de gênero e Enfoques feministas: desafios metodológicos.

Lia Zanotta Machado[1]

Hoje, torna-se importante fazer uma reflexão sobre as novas metodologias introduzidas pelos movimentos feministas nos mais variados saberes disciplinares. A introdução dos olhares a partir dos lugares das mulheres produziram novas abordagens?[2]. Os movimentos feministas dos anos sessenta e setenta, produziram politicamente interrogações sociais novas. Na recrudescência do explodir inicial dos movimentos, consolidaram-se grupos de feministas no campo intelectual buscando introduzir novas temáticas e buscar novas perspectivas analíticas nos saberes disciplinares.

Entendo que as novas perspectivas metodológicas introduzidas a partir dos feminismos, podem ser agrupadas , sem ser exaustivas e, claro, sem que muitas vezes sejam claras as suas fronteiras, em cinco configurações : 1. os estudos sobre a condição e a posição das mulheres, 2. a perspectiva desconstrucionista de gênero, 3. a perspectiva das epistemologias feministas, 4 . a perspectiva da diferença sexual, e 5. a perspectiva das relações sociais de sexo.

Quando penso nas tres primeiras perspectivas, estou fazendo referência em especial ao mundo anglo-saxônico: os chamados "Women Studies" , os "Gender Studies" e as "Feminist Epistemologies". Lá os "Gender Studies" acabaram por superar quase consensualmente a perspectiva dos "Women Studies". E muitas(os) das(dos) que propõem as "Epistemologias Feministas", trabalham também com a perspectiva de gênero. Quando penso nas duas últimas referências, estou pensando especialmete no campo intelectual francês, onde as duas perspectivas continuam a se distinguir fortemente no campo.

A movimentação feminista francesa, aglutinada em torno do Movimento pela Libertação das Mulheres, foi aos poucos fraturando-se internamente, configurando uma nítida disputa entre um "feminismo da diferença" e um "feminismo da igualdade". Quando, nos anos oitenta, todo um esforço foi feito para introduzir no campo intelectual: universitário e de institutos de pesquisas, a perspectiva feminista, o campo intelectual já

---

[1] Professora Titular de Antropologia da Universidade de Brasília, Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Mulher NEPeM/UnB , Doutora em Ciências Humanas (USP,1980) e Pós-doutorado (CNPq) no Institut de Recherches sur les Sociétés Contemporaines (IRESCO) e na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS), Paris (1992-1994).

[2] Esta interrogação está sendo suscitada aqui em Encontro da ANPOLL como o foi no da ANPOCS.Será também objeto do II Encontro da Rede de Estudos Feministas (REDeFEM), visibilizando uma preocupação interdisciplinar. Quero agradecer o convite feito a mim pelo Grupo de Trabalho em nome de Elodia Xavier , a partir do qual redigi este texto com reflexões suscitadas pela pergunta sobre as novas metodologias feministas e de gênero. Este texto inova e retoma parte das reflexões (não publicadas) que apresentei para a Mesa Redonda, organizada por Heleieth Saffiotti : Análises de gênero construiram paradigma(s) metodológico(s) ? no XXI ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, em outubro de 1997. Sobre as relações entre feminismo e estudos de gênero,ver Machado,Lia Z.(1992 e 1997).

absorveu a distinção entre a perspectiva do feminismo da diferença e a do feminismo da igualdade.

De um lado, buscava-se enfatizar a compreensão , a escuta, a análise e o perscrutar do que seria o feminino, o olhar, a fala e a escritura das mulheres. Este foi o olhar que mais se desenvolveu na França nos estudos de literatura, psicanálise e filosofia. De outro lado, em nome do horizonte da igualdade, buscava-se enfatizar analiticamente as relações sociais de sexo, num repensar da tradicional "divisão social e sexual de trabalho" vista como relações de dominação. Este foi o olhar mais presente no interior dos campos franceses da sociologia e da antropologia, muito embora nessa última também se tenha bastante desenvolvido a teoria da diferença de sexo . Quanto à história, centrou-se na "história das mulheres", passando a poder se tornar o saber disciplinar mais capaz de transitar entre as indagações provindas da caracterização das diferenças culturais entre os sexos e as relações de poder entre os sexos.

Muito embora os feminismos anglo-saxônicos também tenham se dividido entre correntes igualitárias e diferencialistas, a absorção pelo campo intelectual anglo-saxônico das perspectivas analíticas dos estudos da "diferença sexual" e das "relações sexuais de sexo", não repetiu o mesmo fraturamento que o ocorrido no campo francês. Luce Irigaray (1977 e 1987) e Julia Kristeva (1981) , (do feminismo da diferença) aparecem lado a lado de Cristine Delphy (1977) (do feminismo da igualdade, especificamente, feminismo radical) no tópico "política da diferença" da coletânea preparada por Toril Moi (1987) como representantes de um suposto unitário "pensamento feminista francês". Lado a lado com este suposto unitário "French Feminist" estão ainda os filósofos franceses Derrida (1972,1981,1990) e Foucault (1976), (no campo francês, são , ao contrário, sublinhadas as distinções teóricas e políticas que os diferenciam) nomeados como os grandes inspiradores da paulatina construção no mundo anglo-saxão da teoria desconstrucionista de gênero.

A "disseminação" derrideana (1972b), o contínuo "diferendo" que desestabiliza as diferenças, a preeminência da análise textual que predominam em Derrida , tal como lido no contexto francês, se transformam no contexto americano. Derrida é politizado. A "disseminação" e o "diferendo" se transformam nas categorias inspiradoras da plurivocidade das vozes das minorias, no âmbito da ideologia do multiculturalismo. A "disseminação" se converte em produção de múltiplas verdades. Junto com a crítica cultural e com o multiculturalismo, as feministas anglo-saxônicas fizeram a crítica ao universalismo unificado. Os feminismos se põem na vanguarda na busca de novos paradimas de conhecimento, mas não estão sós. Aliam-se a várias outras críticas filosóficas do *falogocentrismo* filosófico ocidental e do unicismo do sujeito filosófico e do universalismo unificado. Derrida e Lyotard (1986) são retomados e politizados em grande parte pelo multiculturalismo e pelos movimentos intelectuais das minorias raciais.

O caminhar paralelo, às vezes combinado, dos paradigmas teóricos do desconstrucionismo de Derrida, do pós-modernismo, do marxismo, do pós-estruturalismo de Foucault, da hermenêutica e da filosofia analítica britânica, reforçaram a dimensão do simbólico e da linguagem onde se inscreve o social. Reforçaram tanto a imagem do social como culturalmente construido quanto o das ciências humanas e da literatura como culturalmente situadas. O novo tom das duas últimas décadas foi a tendência ao

afastamento de um realismo positivista, porque cada vez mais o social e as ciências foram concebidos como inscritos na ordem do simbólico e da linguagem .

Foi, com certeza a "desconstrução" derrideana que inspirou o processo analítico da "desconstrução de gênero" desenvolvida pelas feministas no mundo anglo-saxão em substituição aos impasses metodológicos dos "estudos de mulheres". Há uma variedade de métodos desconstrucionistas, quanto variem os olhares dos lugares teóricos e políticos de fala. Para além de sua diversidade, a(s) metodologia(s) da desconstrução de gênero, supera(m) impasses dos "Estudos de Mulheres". Estudos sobre a condição, a situação e a posição das mulheres, não pareciam se capazes de responder aos desafios feministas, pois tendiam a se tornar descritivos e reiterativos, com o perigo de reificar a situação das mulheres.

A generalização do uso do conceito de gênero no campo intelectual anglo-saxônico nos saberes disciplinares da sociologia, antropologia, história , literatura, filosofia e psicologia dos anos oitenta e noventa , trouxe consigo o compartilhamento da radicalização da idéia da desnaturalização biológica das categorias de homem e mulher e da radicalização da construção *simbólica* (entendendo-se aqui a natureza da dimensão social e cultural) das noções de feminino e masculino.

O uso cada vez mais generalizado do conceito de gênero é de tal forma presente no campo intelectual brasileiro, que gostaria de centrar minhas reflexões sobre o impacto das novas metodologias de gênero e sobre os seus novos desafios. E a partir da perspectiva desconstrucionista de gênero, estabelecer suas relações com as outras perspectivas.

Estudos de Gênero : Desconstrução e construção simbólica

Entendo que podemos falar da construção de um novo paradigma metodológico pelas análises de gênero.

Em primeiro lugar porque se está diante da afirmação compartilhada da ruptura radical entre a noção biológica de sexo e a noção social de gênero. Em segundo lugar, porque se está diante da afirmação do privilegiamento metodológico das *relações de gênero*, sobre qualquer substancialidade das categorias de mulher e homem ou de feminino e masculino. E em terceiro lugar, porque se está também diante da afirmação da *transversalidade de gênero,* isto é, do entendimento de que a construção social de gênero perpassa as mais diferentes áreas do social. Estes, me parecem os três pilares que permitem diferenciar a proposta paradigmática dos *estudos de gênero* frente à proposta metodológica dos *estudos sobre mulheres.*

Já em 1949, Simone de Beauvoir (1980) afirmava no seu **O Segundo Sexo**, que não se nascia mulher, que se *tornava* mulher . Qual a novidade então da noção de gênero em relação a essa proposição anterior de Beauvoir ? A novidade é levar esta afirmação às últimas conseqüências de seu enunciado. A proposta metodológica de Beauvoir era indagar sobre as relações entre sexo biológico e construção da categoria social de mulher. Hoje, o estado atual dos estudos de gênero permite pensar que a construção social de gênero se faz *arbitrariamente* em relação à diferenciação de sexos de homens e mulheres e que *não existe a mulher*, e que *não existe o homem* enquanto categorias universais. Beauvoir pensava a categoria mulher e a questão da libertação da mulher, posta com algum grau de

ambivalência: ser libertada das limitações sociais do seu sexo biológico e ser libertada da forma *social* pela qual este sexo se tornou inferior (o segundo).

Os estudos de gênero produziram a possibilidade paradigmática de um distanciamento do uso da categoria mulher e de um processo de radicalização da pergunta sobre as relações entre sexo e gênero até a afirmação plenamente radical da *arbitrariedade* das relações entre sexo e gênero. Gayle Rubin (1975) se perguntou sobre o sistema de sexo-gênero e reconhecendo a construção social do gênero como construção social de dominação propôs o fim da diferenciação de gênero. Ortner (1974), Chodorov (1974) e outras(os) se perguntaram sobre a generalização das relações entre sexo e gênero, onde o gênero feminino é pensado como hirarquicamente inferior e concluiram sobre a universalidade da imbricação universal dos pares dicotômicos: cultura e natureza e masculino e feminino e da supremacia do cultural e do masculino.

MacCormack e Strathern e outras(os) (1980), incluindo-se trabalho posterior de Ortner (1981) e de Strathern (1988) criticaram a universalidade da dicotomização simbólica entre cultura e natureza e seu entrelaçamento com as categorias de feminino e masculino, entendendo que a construção do(s) feminino(s) e do(s) masculino(s) é resultado do arbitrário cultural da cada configuração social historicamente situada.

Com certeza, pensar a arbitrariedade radical entre sexo e gênero (Ver entre outros Butler, 1990) é devedora do privilegiamento do paradigma da lingüística do distanciamento entre a materialidade do significante e do significado e da primazia de uma visão cultural do social, em que as premissas do social são cada vez mais vistas como culturalmente construidas; isto é, desnaturalizadas por um lado, e passíveis de reconstruções culturais.

Não são poucas as diversidades teórico-epistemológicas, nem poucas as diversidades das perspectivas disciplinares que diferenciam as pesquisadoras e pesquisadores de gênero. Neste sentido estrito, são múltiplos os paradigmas metológicos nos estudos de gênero, já que a metodologia não está dissociada das opções teórico-epistemológicas, nem das perspectivas disciplinares. Kunh (1962) duvidava que, no caso das humanidades houvesse paradigmas, já que os modelos teóricos sempre estavam e estão em disputa, de uma forma forte e muito mais perceptível que no campo das ciências exatas, onde as rupturas paradigmáticas são visibilizadas por demarcações temporais.

Gostaria, no entanto, de retomar o conceito de paradigma metodológico, e referi-lo à produção de algum consenso sobre a abordagem, a constituição e a delimitação de uma nova temática e de uma nova perspectiva de investigação, no caso, os estudos de gênero no interior das humanidades. A construção de paradigmas metodológicos pressupõe o compartilhamento de idéias e de instrumentos de análise. Participar de um mesmo *campo intelectual* poderia ser identificado como compartilhar de um mesmo paradigma metodológico ou, pelo menos, de um conjunto delimitado? Assim, a questão sobre a construção de paradigmas passa pela pergunta de se há compartilhamento metodológico entre pesquisadoras e pesquisadores na abordagem das relações de gênero, ou seja, na formulação das questões de gênero.

A noção de *campo intelectual* no sentido de Bourdieu (1968) não exige consenso de paradigmas metodológicos provenientes de um mesmo corpo teórico-epistemológico, mas apenas o reconhecimento de um campo de interlocutores.

Vou me deter sobre a idéia de reconhecimento recíproco, pois entendo que este exige algum compartilhamento de perspectiva paradigmática de conceber os estudos de gênero. Pensemos o compartilhamento necessário para se fazer parte de um saber disciplinar. Os saberes disciplinares se fundam em premissas, que mais se aproximam a esquemas de pensamento do que a categorias. Constituem-se em perspectivas e não em opções teórico-epistemológicas. As modalidades de formular questões é que são paradigmáticas.

- Minha hipótese é a de que os estudos de gênero se organizam em torno a paradigmas metodológicos de uma forma semelhante ao que ocorre nos saberes disciplinares, mas também de uma outra forma distinta e peculiar. Em outros têrmos, parece-me importante pensar que este campo intelectual se constitui socialmente não como um campo de *especialistas* ou *peritos* no sentido de Giddens (1991 e 1995 in Lasch), mas que se aproxima de um campo de *especialistas* que se quer uma *comunidade pós-tradicional reflexiva* no sentido de Scott Lash (1995). Para além das inúmeras disputas no interior do campo, conseguimos nele negociar , a partir de um compartilhar de uma reflexividade e de um "construtivismo social de gênero" (sensibilidade, crença e utopia de que as construções sociais de gênero não são inertes nem eternas, mas mutáveis e reconstruíveis) não apenas de indivíduos singulares, mas de uma reflexividade que se quer compartilhada como uma **empresa cultural e política**, fundada no compartilhamento das idéias **feministas**.

Conseguimos construir paradigmas metodológicos, quando propusemos que a área de "estudos de mulheres" fosse substituida e suplantada pelos estudos das relações de gênero . Os estudos de mulheres tratavam especificamente de retirar as mulheres da situação de relativa invisibilidade pelo encompassamento da idéia de "homens" como se "neutros" fossem em relação ao sexo, da relativa invisibilidade pela sua inserção privilegiada na história privada, e pela sua quase exclusiva visibilidade enquanto exercendo funções complementares ao sexo masculino. Supunha-se a existência de homens e mulheres, e tratava-se então de analisar seus papéis sociais, sua "condição" e demonstrar sua subordinação, ou sua resistência. Trabalhos pioneiros importantes e de vulto foram realizados. Embora muitas das questões formuladas pelos estudos de gênero estivessem aí presentes e tivessem sido suas precussoras, o que a formulação dos estudos de gênero supõe é que seus paradigmas tenham produzido uma distinção.

A "onda" de "auto-reflexão" dos paradigmas caracterizou as duas últimas décadas e fez dos cientistas sociais seus próprios "nativos" , no dizer do antropólogo americano James Clifford (1986).Tornou suas categorias mais instáveis, tendo sido possível a crítica até ao "impensado" (nos têrmos de Bourdieu) do pensamento ocidental da dicotomia entre natureza e cultura. Só ao poder ver à distância tal dicotomização é que se pôde não mais compulsivamente repetí-la. Ou talvez seja mais apropriado dizer que foi de tanto repeti-la e discuti-la sob formas e ângulos diversos e em posições opostas, que se pôde desenraizá-la de qualquer formulação de verdade ou verossimilhança. Qualquer noção de feminino e de masculino se tornou contestável . **O consenso foi o de que não há consenso sobre qualquer natureza do feminino e do masculino**.

Ensaiar uma resposta exige uma reflexão sobre seus têrmos e seus contextos. Se tomo por referência o contexto brasileiro do campo intelectual sobre estudos de gênero, estudos de mulheres e estudos feministas, talvez a formulação forte da pergunta se refira à dúvida levantada sobre o estatuto do conceito de gênero no campo: um uso meramente descritivo ou alusivo do conceito ou uma efetiva inserção teórica do conceito de relações de gênero, com efeitos nos seus paradigmas metodológicos. Se o Seminário multidisciplinar de São Roque em 1991, organizado pela Fundação Carlos Chagas, retomou esta pergunta que vinha sendo explicitada por Miriam Grossi e Maria Luiza Heilborn (1992), também se perguntou (ou nos perguntamos então) sobre os efeitos dos estudos de gênero nos saberes disciplinares e sobre os efeitos dos saberes disciplinares no campo de estudos de gênero. E ainda sobre os efeitos do feminismo nos estudos de gênero.

De um olhar temporalmente posterior, "Uma Questão de Gênero", Bruschini e Costa (orgs.,1992), publicação que resultou do Seminário e que buscava o desenhar do estado das artes do campo de estudos, entendo que, além de realizar este "balanço", o seu sentido forte foi o propositivo: reafirmar e consolidar a transformação do campo multidisciplinar de "Pesquisas sobre a Mulher" em um campo multidisciplinar de "Estudos de Gênero", legitimando essa temática específica (assim retransformada) no interior dos saberes disciplinares, assim como reafirmar a possibilidade de harmonizar a dupla referencialidade: a perspectiva feminista e a perspectiva de gênero.

Não quero refazer um balanço, ou avaliar, formulando um *elogio*, ou formulando uma *crítica* do bom ou mau uso das ferramentas disponíveis e esperadas para quem se dispõe utilizar o conceito de relações de gênero. Não vou assumir a postura avaliativa dos estudos de gênero para saber se seus autores se distanciaram mais ou menos efetivamente da perspectiva dos estudos de mulheres. Prefiro tomar como objeto de reflexão o estado da formulação mesma das relações de gênero como área de investigação: se conseguiu algum grau de clareza quanto à sua implícita e explícita proposta metodológica e se alcançou algum grau de distinção da perspectiva dos estudos de mulheres.

Entendo que o dilema insolúvel da igualdade/ diferença que por tanto tempo dividiu e, em certo sentido, ainda divide o campo feminista e os estudos de gênero é presa e armadilha desta mesma dicotomia. O dilema do pensamento ocidental, a partir do qual foram criados os saberes disciplinares das humanidades e das ciências exatas é que a *cultura* está para o *masculino*, assim como o *feminino* está para a *natureza*, e que a noção de *identidade* está para o *masculino* assim como a *diferença* está para o *feminino*. Acrescente-se que as dicotomias, no pensamento ocidental tendem a ser unidirecionadas em têrmos de hierarquia de valor, e teremos que o masculino estará associado com quaisquer têrmos que estejam na posição superior. Depois de reveladas estas construções simbólicas no interior mesmo dos estudos de gênero, passou-se a desconstrui-las.

Entendo que o trabalho de Strathern (1988) é exemplar na análise e desconstrução desta dicotomia, fazendo saltar qualquer concepção de gênero da armadilha de uma dicotomia elevada ao caráter universal e exigindo uma análise das diversidade da construção de categorias, sejam dicotômicas ou não e da diversidade de se entrelaçarem metafórica e metonicamente. Não são poucas as pesquisadoras brasileiras que apontaram

que a concepção do gênero do trabalho, muitas vezes sequer tem ligações metonímicas com as atividades ditas femininas porque domésticas. Muitos gêneros do trabalho são definidos como femininos ou masculinos apenas por relações metafóricas com o que se concebe como de status superior ou inferior. Com certeza, é a primazia da desnaturalização da idéia de gênero e do entendimento que as relações de gênero são cultural e historicamente construidas que produziu a sensibilidade para buscar o **arbitrário da construção de gênero**.

Concluo afirmando que, se romper com os estudos da substancialidade do que é a mulher e do que é o homem, e romper com a determinação do biológico sobre o sexo, é construir um novo paradigma, os estudos de gênero, conseguiram construí-lo. Os estudos de gênero reivindicam radicalmente o simbólico, no sentido forte da simbolização como englobante do cultural, social e econômico, e da simbolização como o não biológico, como o não natural, isto é, o social pensado na sua antinomia com o biológico. Trata-se da construção de um paradigma que radicalmente reivindica o caráter simbólico das relações de gênero; e que aponta tanto para uma diferenciação quanto para uma indiferenciação, para um número qualquer de gêneros e para a **instabilidade** de quaisquer caracterizações.

Nestas duas últimas décadas os Estudos de Gênero criaram um paradigma metodológico no que tange a ruptura com o sexo biológico e com a dessubstancialização das categorias naturalizadas de homens e mulheres. Afirmaram a primazia metodológica de investigar as relações sociais de gênero sobre a investigação das concepções de cada um dos gêneros, afirmaram a possibilidade cultural de um número indefinido de gêneros, afirmaram a possibilidade dos processos de *diferenciação e indiferenciação de gênero*. Apontaram a primazia da diferenciação sobre as diferenças construidas, isto é, a primazia das *relações* entre os gêneros sobre as concepções de cada um dos gêneros . O "arbitrário" saussureano se tornou cada vez mais visível depois da crítica à crença na dicotomização universal da natureza/cultura e do seu entrelaçamento com a dicotomização feminino/masculino.

O desconstrucionimo de gênero face à perspectiva universalista da diferença de sexo

O debate entre *diferencialistas* e *igualitaristas* presente não só nos movimentos feministas quanto no campo dos estudos de gênero não seria o argumento contrário a esta minha afirmação sobre a construção de um paradigma que radicalmente reivindica o caráter simbólico das relações de gênero ? Como se pode entender como o faço que houve paradigmaticamente uma ruptura entre sexo e gênero, se muitas autoras (es) são nominadas não só como *diferencialistas* mas como *essencialistas*? Esta *essência* não é um indício ou uma acusação de que a idéia de gênero ainda está presa a de sexo biológico?

Ou haveria um "essencialismo" da idéia de "feminino" e de "masculino", na própria dimensão simbólica, como o propõe por exemplo, a psicanálise, especialmente a psicanálise lacaniana ? Nos têrmos da psicanálise lacaniana não se fala em essencialismo, mas em universalismo. Na estruturação das subjetividades diante da Lei Simbólica e diante da *falta, as estruturações* da posição do *feminino* e do *masculino*, são distintas. Caberia aos

homens e mulheres, ao se estruturarem como subjetividades, se colocarem nas posições do feminino ou do masculino.

Diferentes formas de conhecimento segundo o sexo (na dimensão simbpolica) foram propostos pela perspectiva francesa da *diferença universal de sexo* no campo filosófico e psicanalítico (Irigaray,1977,1987 , Koffman, 1992) e novas formas de escritura no campo da linguística e da literatura. (Ver Cixous,1990).

Naomi Schor (1993), partindo de paradigmas dos estudos de gênero no contexto anglo-saxônico relativiza as diferenças entre Simone de Beauvoir (1949) e Luce Irigaray (1977 e 1987), consideradas, no contexto francês, respectivamente como igualitarista, a primeira, e diferencialista e essencialista, a segunda. É interessante que este texto a que me refiro faz parte de um suplemento especial sobre **Feminismos no Presente** da Revista **Futur Antérieur**, organizado na França por Michèle Riot-Sarcey (1993). Segundo Schor (1991 e1993), a primeira foge da imposição da diferença e a segunda foge da imposição do idêntico. No seu livro, fica claro quanto Simone acreditava na necessidade de lutar contra o destino do sexo biológico e vê-lo como obstáculo à formulação do *projeto* de sujeito que toda mulher deve almejar. Entrar na esfera pública, parecia ser assim, exigir a transformação das mulheres em homens , entende Jane Flax (1992). Ao final do seu livro, diz Schor a respeito de Beauvoir, o desejo de a diferença ser possível no interior das relações de igualdade fica explicitado. Para Schor, tanto Beauvoir quanto Irigaray criticam a exclusão do feminino pelo viés masculino do discurso filosófico, mas é Irigaray quem faz a reivindicação simbólica de uma luta contra a univocidade do masculino no interior mesmo desse discurso.

Schor entende que tanto Beauvoir quanto Irigaray se engajaram na mesma batalha política e filosófica contra a determinação simbólica de uma concepção biológica. São os dois aspectos de um mesmo lado da reivindicação de uma outra forma de falar sobre o sexo. Schor entende que a dominação discursiva do único sexo que se apresenta como masculino instaura ao mesmo tempo a imposição do idêntico (todas as mulheres deveriam ser como os homens para entrar na esfera pública) e a imposição da diferença (para ter poder as mulheres deveriam recolocar sua diferença como de igual valor com a diferença dos homens). Assim, a diferença pensada por Irigaray já é cultural e é o outro aspecto da mesma batalha simbólica de Beauvoir.

São muitos e expressivos os textos de estudos de gênero, no contexto anglo-saxônico, que buscam posições para "além da igualdade e diferença". Entre eles está o organizado por Gisela Bock e Susan James(1992). Seu título: ***Beyond Equality and Difference. Citizenship, Feminist Politics and Female Subjectivity*** é significativo. Repõe a discussão teórica que especialmente na França dividiu o movimento feminista e as pesquisas universitárias em dois campos nitidamente delineados, num mesmo campo político, embora heterogêneo: o campo político do feminismo e da cidadania.

É deste campo americano da *politização das diferenças* na esfera da cidadania, que posições consideradas antagônicas como a do diferencialismo de Irigaray e a do igualitarismo de Beauvoir podem ser inscritas como se desenvolvendo, uma e outra, na mesma batalha simbólica contra a determinação do biológico.

Deborah Rhode (in Bock eJames,1992) afirma: "*Ficamos presas entre a necessidade de afirmar nossa identidade de gênero e a necessidade de transcender seus constrangimentos, para reclamar solidariedade e respeitar a diversidade. O dilema da identidade-diferença não pode ser superado: só pode ser reformulado. (...)Nossas estratégias devem ficar nos princípios feministas e não nos estereótipos femininos. (...) Ainda que a agenda feminista incorpore valores tradicionalmente associados com mulheres, as apostas na sua realização são para os dois sexos compartilharem*" (p.158). Jane Flax (1992) conclama para a necessidade da inscrição da qualidade do *cuidado(care)* e do sentido de relacionamento (sentido de *conectividade* e *obrigação com os outros*, p.206)), na concepção da justiça como processo. "*Para se ter indivíduos capazes de desejar justiça, requer-se pessoas que necessitem conexões com outras.Tais pessoas se preocuparão quando o discurso se tornar muito mono vocal,estável e unitário. Procurarão e pensarão sobre as diferenças.*" (p207) Sem dúvida, Flax está aqui retomando as conhecidas formulações de Carol Gilligan (1989) e as inserindo inequivocamente, no plano de uma concepção de justiça que se quer para os dois sexos. Esta proposta e análise foram pensadas a partir de temáticas emergidas de uma socialidade de gênero feminino, mas nada têm de intrinsecamente feminino e nada têm de necessariamente *generizado*. Querem um lugar de participação na esfera pública heterogênea. Marion Young (1990) formula a idéia de um universal cívico heterogêneo.

Se o desconstrucionismo de gênero deixa *in aberto* a construção social do gênero, de tal forma que sejam possíveis classificações, hierarquias valorativas de sentidos contrários, inversos, distintos, equivalentes, e "borragens" das distinções entre os gêneros, a perspectiva da diferença de sexo propõe a universalidade da diferença de sexo, alguns autores entendo que esta universalidade da diferença é recoberta por uma hierarquia de sentido único, onde o valor supeior é o do masculino, e outros entendendo que esta hirarquia pode ser revertida ou suprimida, mantidas as distinções.

O desconstrucionismo de gênero face às epistemologias feministas

A partir do contexto americano, as referências mudam em comparação com o campo brasileiro, porque as proposições de construção de paradigmas foram mais ambiciosas. Não se propuseram apenas novos paradigmas metodológicos. O que se propôs foi propriamente a construção de **novos paradimas de conhecimento**. Estas proposições se deram num contexto social e universitário politica e institucionalmente mais afetado pelos movimentos feministas e pelos movimentos de minorias raciais . Feministas e pesquisadoras buscaram uma inserção fortemente institucionalizada criando-se departamentos de "Women's Studies" e depois "Gender Studies" de caráter multidisciplinar. Muitos departamentos de "Cultural Studies" de caráter interdisciplinar, além de toda uma movimentação nas áreas disciplinares de "borrarem" as fronteiras disciplinares, especialmente os limites das ciências sociais, história, letras e filosofia, foram co-autores na proposição crítica dos paradigmas da ciência e do pensamento ocidentais.

A produção americana, mas também a anglo-saxônica em geral, especialmente a das pesquisadoras(es) de gênero que se associam ou se intitulam como feministas, reivindica a produção de novos paradigmas de conhecimento. São inúmeros os textos sobre novas epistemologias e novas filosofias. Entre eles, a publicação organizada por Linda Alcoff e Elizabeth Porter (1993): **Feminist Epistemologies.** A noção de "epistemologia feminista" nos é apresentada como "*a difícil aliança do feminismo e da filosofia, uma aliança tornada difícil pelo seu contraditório empuxe entre o concreto e o universal*" (p.4). Sandra Harding (1993) revendo sua proposta de uma epistemologia baseada no "*standpoint*", reafirma o privilégio do conhecimento situado a partir de um contexto , rejeita o relativismo absoluto ou indiscriminado e propõe uma maior habilidade para a busca da objetividade. Está apontando claramente nesse texto, seus pontos de concordância e de discordância com posições pós-modernistas e desconstrucionistas, que , ao criticarem o unívoco e abstrato do sujeito da filosofia, propõem uma desconstrução puramente textual (Derrida, 1972), ou então relativizam indiscriminadamente quaisquer e todas as posições, tornadas equivalentes na sua absoluta relatividade, permitindo apenas "manter a conversação" como quer Rorty.

A perspectiva feminista de um novo paradigma de conhecimento se distancia de muitos dos seus aliados por proporem uma paradigma do "*standpoint*" que defina a posição dos sujeitos de conhecimento A definição se identifica com a proposição de uma articulação entre o que seria a perspectiva feminista (do sujeito feminista) que implica em algum tipo de resgate de valores experienciados a partir da socialidade diferenciada de gênero, ressaltando-se a especificidade de seu ângulo derivado de sua posição de subordinação nas relações de gênero ou da especificidade de valores advindos de sua socialidade e que foram até então considerados inferiores, ou ressaltando-se a proposta de explodir com todas as dicotomias entre razão e emoção, entre mente e corpo, na própria formulação do conhecimento. Se para Harding, é a noção de experiência que dá o tom para uma nova epistemologia, em outras autoras esta experiência é quase pré-definida. A publicação organizada por Alison Jaggar e Susan Bordo (1992): **Gênero/ Corpo/Conhecimento. Reconstruções Feministas de Ser e Conhecer**, é exemplar na sua proposta de elaborar a revisão do conhecimento a partir de uma definível socialidade feminina revisitada pela utopia feminista.

Nesse último sentido de construção de novos paradigmas de conhecimento, não entendo que tenham sido construidos. Não foi criado em nome de um olhar ao mesmo tempo feminino e feminista, um novo paradigma de conhecimento que pudesse romper a dicotomia razão e emoção , nem unir justiça abstrata baseada em autonomia com justiça baseada em responsabilidade. Também não o criaram os pós-modernistas ou a crítica cultural. Os adeptos mais vigorosos à construção de novos paradigmas de conhecimento são os intelectuais holistas da Nova Era, que uniram razão e emoção, corpo e mente, mas o fizeram à custa da eliminação da dúvida, pois se não aceitam crenças, experienciam situações que bastam como conhecimento científico. E esta adesão a um novo paradigma já se faz na auto-definição de um campo como paracientífico e para-religioso (Fernanda Paranhos,1997).

O absoluto do rompimento da dicotomia razão e emoção corre o perigo de ser uma noiva profissão de fé. Corre o risco de reificar a noção do feminino. Uma perspectiva que faça "mover" a dicotomia razão e emoção me parece mais analítica, e mais capaz de garantir um olhar historicamente situado, um lugar para a suspensão e os limites históricos do conhecimento.

As indagações sobre as epistemologias feministas, acabaram, por circularmente, voltarem ao ponto de partida dos olhares situados, mas juntamente com as indagações desconstrucionistas, inseriram um maior grau de aceitabilidade da dúvida e da relativização face às quaisquer que sejam nossas crenças e discursos analíticos.

Os estudos de gênero e as indagações sobre as epistemologias feministas introduziram, ao lado dos outros estilos de fazer ciência social, um estilo que desse mais lugar à reflexão sobre a sujetividade do(a) autor(a) e da construção das subjetividades dos sujeitos sociais. Com certeza, sem deslocar o outro estilo mais objetivista, produziu-se outra forma de escrever ciência. O nós majestático ou a escrita sem sujeito tem a contraparte legitimada de um sujeito da ciência que se coloca e opta. Um novo estilo foi criado e legitimado a partir dessa crítica cultural. O feminismo com certeza é uma das vozes que faz parte desse novo estilo. O estilo não é neutro em relação ao paradigma, mas é menos preciso que um paradigma...

A metodologia desconstrucionista aliada à crítica foucaultiana do poder, à hermenêutica e à descrição densa tal como elaboradas e combinadas pelas pesquisas de gênero e pelas pesquisas feministas foi capaz de produzir a desnaturalização metodológica do gênero. **O desconstrucionismo tal como empregado pelos estudos de gênero, mas no quadro de uma postura feminista se revelou como uma empresa cultural e teve efeitos de empresa cultural de crítica à naturalização de gênero**. A sensibilidade de se perceber como estando situado, e o estar situado em processos sociais e políticos mais amplos que o espaço universitário, talvez nos tenham tornado mais sensíveis para as práticas e os hábitos que se modificam .

Desconstrucionismo, construtivismo social e a perspectiva das relações sociais de sexo

Talvez tenhamos criado junto e ao lado dos movimentos sociais, uma nova sensibilidade e habilidade construtivistas. Contudo, se as posições feministas foram muito mais difundidas, a desnaturalização do gênero ao nível social mais amplo tenha contribuido tanto para posições consideradas conservadoras quanto progressistas na agenda feminista. Muito mais do que o desconstrucionismo de gênero, o que vejo entre os sujeitos sociais , disseminado entre as classes sociais, embora,mais claramente nas camadas médias "informadas", é o que chamo de construtivismo de gênero. Os sujeitos sociais parecem se perceber como capazes de "escolher" e "construir" o seu gênero e o gênero de seu gênero : orientações sexuais, combinações de novas e velhas formas de ser feminino, ou masculino, de características sensíveis ou mais agressivas, opções mais ou menos conservadoras, mas todas tendo em comum , já como esquema prático de pensamento, a possiblidade de construir o seu gênero.

Num certo sentido, é possível dizer que não se tenha vivido um tão alto grau de vivência da "desnaturalização de gênero" do ponto de vista das individualidades que se constróem. Seu efeito perverso, é que posições ultra conservadoras também podem aparecer como "opções", no exato sentido em que são aceitas como desnaturalizadas. Onde o "politicamente correto" foi mais forte como nos Estados Unidos, mais presentes estão os "*backlash*". O construtivismo de gênero parece ser consistente com o que Giddens (1991 e 1995) aponta sobre a nova e radical reflexividade das individualidades em tempos de "alta modernidade". Para além de Giddens, e de sua noção de indivíduo que parece emergir dos têrmos pelos quais se autodefinem, poderíamos repensar que a construção social desses indivíduos se faz a partir do impensado de suas práticas, onde parece estar enraizada a naturalização de gênero e a naturalização desse tipo de indivíduo que se pensa como matriz de si mesmo e que impensadamente os informa e que certamente tem efeitos na reconfiguração do cenário político. A uma alta densidade de produção de sentido para a singularidade da vida individual, pode corresponder uma baixa densidade de sentido de enraizamento social. O construtivismo individual de gênero pode ter efeitos contrários dos esperados, quando se tentava desnaturalizar os gêneros e desestabilizar as posições de dominação e de hierarquia entre homens e mulheres. Mas, ao menos, pode também ter os efeitos esperados.

Quanto à produção francesa dos estudos da perspectiva das *relações sociais de sexo*, (na França, pouco se emprega o conceito de gênero, fala-se de *sexo social* quer seja por uma ou outra das abordagens) não se propuseram novos paradigmas de conhecimento, ou novas epistemologias feministas, mas sim a introdução de um olhar feminista sobre as relações sociais de sexo como relações de poder e dominação.

As ciências sociais, a história e a área de literatura que se filiam à perspectiva feminista das relações sociais de sexo se propuseram a empresa de afinar os seus paradigmas disciplinares para darem conta da história das mulheres, da sociologia e da antropologia da diferença social de sexo e das relações sociais de sexo. O estudo circunstanciado da diversidade do lugar dos sexos na constituição dos mitos de origem de diferentes culturas, e do lugar das relações sociais de sexo na configuração e articulação do mundo do trabalho e da família, revolucionaram os instrumentos de análise pois as relações de sexo passaram a ser foco revelador para uma sociologia do trabalho, da família e da cultura. (Ver Kergoat,1993, Hirata,1992 e Fougeyrollas, Chabaud e Sonthonax,1985)

A transversalidade do estudo das relações sociais de sexo , nos mais diferentes domínios , faz lembrar a mesma reivindicação pela transversalidade dos estudos de gênero, no campo da perspectiva desconstrucionista de gênero. No Brasil, e no mundo anglo-sexônico, grande parte do campo dos estudos de gênero, incorpora e dialoga com a perspectiva francesa das relações sociais de sexo, pois entende-se que a(s) estratégicas metodológica(s) da desconstrução são também desconstruir (desvendando) as relações de poder no interior das relações entre os gêneros.

Desafios : à busca de um estreitamento do diálogo

Ainda que muito rapidamente, quero apontar como, apesar das maiores fraturas entre os subcampos disciplinares e as maiores fraturas entre os saberes disciplinares, que diminuem a interlocução interdisciplinar, a negociação se deu entre os campos opostos nestas últimas décadas, produzindo novas temáticas e dilemas teóricos extremamente instigantes. A força do pensamento lacaniano na constituição de um feminino simbolicamente estruturado em posição distinta do masculino, com certeza informa filósofas feministas como Sarah Koffman, (1992) e a psicanalista Claire Boons (1991) que dialogam com este feminino diferenciado e o interrogam criativamente de dentro dos seus parâmetros, embora não o confrontem.

No entanto, são especialmente Geneviève Fraisse (historiadora e filósofa) e Françoise Duroux (filósofa) in David-Menard et Fraisse(org, 1990) que desvelam o impasse filosófico entre a constituição de um filosofema do amor tal com expresso por Alain Badiou (1993) que é sem dúvida devedor da estruturação da fórmula diferenciada do masculino e do feminino de Lacan (1977,1986)e a proposição de um filosofema da diferenciação sexual por Fraisse. Fraisse, dialogando tanto com Lacan quanto com Irigaray, rompe tanto com a metafísica do uno quanto com a metafísica dos dois sexos. Propõe a diferença dos sexos como um filosofema. Para Fraisse, a proposição do filosofema da diferença sexual será o ponto final da metafísica das diferenças de sexo. Mas como pode ser viável tal empreendimento, pergunta-se Duroux, se os filósofos tratam da diferença sexual como um delírio. O que Duroux chama de delírio é o colocar o feminino como o depositário da verdade absoluta inatingível: a confusão entre o real inatingível e a alteridade inalcançável do feminino, ou o objeto inalcançável do filosofema do amor . O delírio é a aparição do feminino como Diotime que representa para Platão o saber do amor, mas não se apresenta como sujeito ou atriz do amor.

Françoise Collin nos alerta para a dissociação entre a recente introdução do feminino na filosofia de Derrida e de Levinas que se querem críticas do "falogocentrismo", mas que sempre se põem no lugar do quase inatingível ou do desejável, e que se forem atingíveis, o serão por homens e mulheres, já que o feminino se define independentemente do sexo. A ironia, aponta Collin é de que a introdução da categoria do feminino pelos filósofos homens nada tem a ver com a sensibilidade política com a posição social das mulheres. O paradoxo da disseminação da nova sensibilidade filosófica sobre o feminino é que parece não ter necessariamente amarras com qualquer projeto socialmente construido de transformação das relações de poder.

Com certeza, os trabalhos das feministas e dos estudos de gênero estão sendo lidos por filósofos e por cientistas sociais masculinos e femininos, muitos deles e delas não feministas. Giddens analisa as transformações da intimidade citando trabalhos de gênero. O antropólogo James Clifford (1986) desculpa-se por não ter convidado estudiosas de gênero para falar da crítica cultural da forma de se produzir conhecimento. A incorporação e citação desses trabalhos, embora incipiente é mais significativa que o grau de reconhecimento do campo de estudos de gênero como tal.

Este reconhecimento me parece tanto mais possível quanto mais imbricado estiver em projetos paradigmáticos de pesquisadores de outras áreas temáticas. A chamada crise dos paradigmas positivistas objetivistas introduziram a importância da subjetividade e da não neutralidade do sujeito do saber e exigiram uma reflexão sobre as formas de se produzir conhecimento e de se refletir sobre a modernidade. Em grande parte pós-estruturalistas e pós-modernistas se deram as mãos com feministas pesquisadoras de gênero.

No campo dos enfoques feministas de gênero, com certeza, os caminhos da construção de paradigmas se deram pela reivindicação radical da construção simbólica dos gêneros, que se assentaram na metodologia analítica da desnaturalização da diferença sexual.

Numa sociedade hoje, sob a égide do individualismo e da "modernidade reflexiva" segundo o conceito de Giddens, passa-se a pensar que podemos construir o(s) gênero(s) que se quiser. A sexualidade passa também a ser uma questão de preferência e se inscreve como um dos grandes eixos da construção de identidades . Estéticas, estilos e preferências sexuais parecem ser uma questão de escolha.

O que estamos chamando de *construtivismo*, é mais do que a idéia da construção social dos gêneros. É a novidade de um pensamento social amplo que não se restringe ao meio universitário e que aglutina e produz um amálgama entre a afirmação do caráter cultural das idéias de masculino e feminino e a afirmação (crença) de que cabe a cada indivíduo construir o seu gênero e a sua sexualidade. A variedade de concepções de feminino e masculino estão aí a disposição para serem elaboradas e até "possuidas" pelos homens e mulheres.

O atual desafio societário para os estudos de gênero é pensar como a generalização de uma certa idéia social do que chamo de **"construtivismo de gênero" se articula com as categorias de mais longa duração de um "impensado de gênero"**, as categorias naturalizadas de "gênero" na construção social das subjetividades e das sexualidades subjetivas.

O desafio intelectual e metodológico é esboçar uma nova forma de ultrapassar a reiterada fragmentação entre as perspectivas e os saberes disciplinares que privilegiam o estudo do que **aparece** como diferença universal de sexo e os estudos que privilegiam a construção histórica e específica das categorias de gênero.

As perspectivas que se debruçaram sobre as questões nomeadas como universais, talvez, não tivessem mais do que se debruçando sobre questões que, aos nossos olhos, presos somente no reconhecimento de um certo estilo de "construtivismo de gênero", **parecem ser universais** como nos diz Spivak (1985). E são também aos olhos culturais de nossa sociedade que tudo o que nos parece universal, é pensado como eterno e natural. Fossem ou sejam os diferentes "impensados" de gênero , em alguma parte , elementos de uma maior e longa duração , outros serão os elementos da curta duração. Estudos sobre o debruçar psicanalítico da construção do feminino e masculino, encontráveis nos estudos históricos, sociais ou literários podem ser paradoxalmente reveladores da **construção histórica** de determinadas e específicas construções das categorias de gênero que conformam o que há de mais naturalizado e impensado nas sociedade ocidentais e pós-coloniais contemporâneas.

Para isso, no entanto, é preciso partir da reivindicação radical da construção simbólica e histórica das categorias de gênero, que, tenha sido possível pela introdução do novo paradigma metodológico desconstrucionista tal como elaborado pelo enfoques feministas de gênero. O olhar utópico feminista que reivindica a desconstrução social do poder masculino, politizou o conceito .

A "desconstrução de gênero" é uma invenção feminista.

Bibliografia Citada

ALCOFF, Linda and POTTER,Elisabeth. 1993.*Feminist Epistemologies*.Routledge, New York and London.

BENHABIB, Seyla e CORNELL, Drucilla. 1987. *Feminism as Critique*. New York, Basil Blackwell.

BEAUVOIR,Simone.,1970,*O Ssgundo Sexo*. 2vol. Rio,Ed. Nova Fronteira.

BOCK,Gisela and JAMES, Susan (ed.).1992. *Citizenship,Feminist Politics and Female Subjectivity*. London and New York.

BOONS, Marie-Claire. 1991. *Mulheres Homens. Ensaios Psicanaliticos sobre a Diferença Sexual*, Rio, Ed. Dumará.

BOURDIEU, Pierre. 1968. *Problemas do Estruturalismo*. Rio, Zahar.

----------. 1990. "La Domination Masculine" in *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris, n°84.

----------. 1992. "Remarques sur L'Histoire des Femmes" in DUBY et PERROT(ed.) *Femmes et Histoire*, Plon.

BRUSCHINI, C. e COSTA, A. (orgs.). 1992. *Uma Questão de Gênero*. Ed. Rosa dos Tempos e F. Carlos Chagas, S. Paulo.

BUTLER, Judith. 1990. *Gender Trouble:Feminism and the Subversion of Identity*.New York: Routledge.

CHODOROV, Nancy.1974. "family Structure and Feminine Personality" in ROSALDO and LAMPHERE (eds.): *Women, Culture and Society*. Stanford : Stanford University Press.

CLIFFORD, James and MARCUS (org.). 1986. *Writing Ctulture*. Univ. of California Press, Berkeley and Los Angeles.

CODE, Lorraine. 1993. "Taking Subjectivity into Account" in ALCOFF and POTTER *Feminist Epistemologies*, Ed. Routledge, New York and London.

CIXOUS,Helène.1990 "Contes de la Différence Sexuelle "in NEGRÓN, Mara (Org.) *Lectures de la Différence Sexuelle*. Paris: Ed. das Femmes.

DERRIDA, Jacques. 1972. *Marges de la Philosophie*, Paris, Minuit.

---------. 1972. *La Dissemination*, Paris, Seuil.

---------. 1972. *Positions*, Paris.

---------. 1981. *Glas. Que reste-t-il du savoir absolu?* Paris, Denoel-Gonthier.

---------. 1990. *Du Droit à Philosophie*, Paris, Galilée.

FLAX, Jane. 1991. "Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista", pgs. 217 a 250, in Hollanda, H. (org.) *Pós-Modernismo e Política*, Ed. Rocco.

_____. 1992. Beyond Equality ; gender, justice and difference in Bock and James.1992, op.cit.

FOUCAULT, Michel. 1976. *La volonté de savoir*, Paris.

FOUGEYROLLAS, Dominique, CHABAUD, Danielle et SONTHONAX, Françoise. 1985. *Espace et Temps du Travail Domestique*, Paris, Librairie des Méridiens.

FRAISSE, Geneviève, 1989.*Muse de la Raison. La Démocracie Exclusive et la Différence des sexes.* Aix-en Provence, Alinés.

_____. 1990. "La difference des sexes, une différence historique" in David-Ménard, Fraisse et Tort (Orgs.) *L'Exercice du Savoir et la Différence des Sexes*, Ed. des Femmes, Paris.

_____. 1992. "La lucidité des philosophes" in *Les Cahiers du GRIF*, Tierce.

GATENS, Moira. 1993 .*Feminism and Philosophy*.Polity Press, Oxford.

GIDDENS,Anthony,1991 *Modernity and Self-Identity*. Cambridge, Polity Press,.

----------. (1992) _**The Transformation of Intimacy**_ Cambridge, Polity Press.

----------.,1995, A Vida em Uma Sociedade Pósradicional in BECK,GIDDENS e LASH.1995 *Modernização Reflexiva.* Ed. UNESP. S.P.

HARDING, Sandra.1993.Rethinking Standpoint Epistemology: "What Is Strong Objectivity"? in ALCOFF and POTTER.1993,op.cit.

HEILBORN, M. Luiza. 1992. "Fazendo Gênero ? A Antropologia da Mulher no Brasil" in Costa e Bruschini, op. cit.

----------.1993. "Gênero e Hierarquia. A Costela de Adão Revisitada", pgs. 50 a 82, in *Estudos Feministas*, vol. 1, Rio, UFRJ.

HIRATA, Helena. 1992. "Notes sur les apports d'une problématique en terme de rapports sociaux de sexe à ma recherche" in *Cahiers du GEDISST*, nº 3, Paris.

IRIGARAY, Luce,1977.*Ce Sexe qui n'en est pas un*. Paris.Minuit.

_____.1987. "L'Ordre Sexuel du Discours" in *Langages nº 85, pp.81-123.*

JAGGAR,Alice and BORDO,Susan(ed.). 1992.*Gender Body Knwledge*.Rutgers University Press, New Brunswick, New Jersey

KERGOAT, Danièle. 1993. "Présentation" à "La qualification, un enjeu des Rapports Sociaux de Sexe?" in *CAHIERS du GEDISST*, IRESCO-CNRS, nº 7.

KOFMAN, Sarah. 1992. "La question des femmes: une impasse pour les philosophes", pgs. 65 a 73, in *Les Cahiers du Grif*, Deuxtemps Tierce, printemps.

KRISTEVA, Julia.1981. "Women's Time".*Signs* 7/1, Autumn.

KUHN,Thomas.1962.*The Structure of Scientific Revolutions*.Chicago and London,The University of Chicago Press.
LACAN, Jacques. 1977. "The Signification of Phallus" in *Ecrits. A Selection*. New York/London: Norton and Company.

----------. 1986 _ **Os Escritos Técnicos de Freud** _ Livro 1, Rio: Jorge Zahar.

LASH, Scott.1995. "A Reflexividade e Seus Duplos: estrutura,estética,comunidade." in BECK,GIDDENS e LASH.1995 *Modernização Reflexiva*. Ed. UNESP. S.P.

LYOTARD,J.F..1986. *O Pós-Moderno*.Rio: José Olympio.

MACCORMACK,C. and STRATHERN,M.(Eds.) *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.

MACHADO, Lia Z.anotta. 1992. "Feminismo, Academia e Interdisciplinaridade" in COSTA e BRUSCHINI (org.) *Uma Questão de Gênero*. Ed. Rosa dos Tempos.

----------.1997. "Estudos de gênero: Para além do Jogo entre Intelectuais e Feministas" in SCHPUN, Mônica(org.) *Gênero sem Fronteiras*. Florianópolis, Ed. das Mulheres.

MATHIEU, Nicole-Claude. 1985. *L'Arraisonnement des Femmes. Essais en Anthropologie des Sexes*, Paris, Ed. de l'EHESS.

---------. 1991. *L'Anatomie Politique. Catégorizations et Idéologies du Sexe*. Paris, Côte-femmes éditions.

MOI, Toril. 1987. *French Feminist Thought. A Reader*.New York: Basil Blackwell.

ORTNER, Sherry.1974. "Is Female to Male as Nature is to Culture?" in ROSALDO and LAMPHERE.op. cit.
ORTNER, Sherry and WHITEHEAD,Harriet.1981. "Accounting for Sexual Meanings" in ORTNER, Sherry and WHITEHEAD,Harriet. *Sexual Meanings*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.

PERROT, Michelle,1994. "Où en est en France l'histoire des femmes ?" in *French Politics and Society*, vol. 12, n°1.

PARANHOS, Fernanda.1997. *Nova Era: a Busca da Sincronicidade*. Dissertação de Mestrado. Depto. de Antropologia UnB.

RIOT-SARCEY, Michèle. 1993. "De l'histoire politique et des pouvoirs" in *Futur Antérieur Supplement Feminismes au Présent*. Paris, L'Harmattan.

RUBIN, Gayle.1975 ."The Traffic in Women: Notes on the Political Economy of Sex" in REITER,R. (org.) *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press.

SCHOR,Naomi.1993. "Cet Essencialisme que n'(en) est pas un: Irigaray à bras le corps

SPIVAK, Gayatri.1985. "Three Woman's Texts and a Critique of Imperialism" in *Critical Inquiry*.12/1.

STRATHERN,Marilyn. 1988. *The Gender of the Gift*. Berkeley and London: Univ. of California Press.

YOUNG, Iris Marion. 1990. "A Imparcialidade e o Público Cívico: algumas implicações das críticas feministas da teoria moral e política" in BENHABIB, Seyla e CORNELL, *Feminismo como Crítica da Modernidade*, São Paulo, Ed. Rosa dos Tempos.

PESQUISAS DOS/AS PARTICIPANTES

Título da Pesquisa:
"A face campineira de Júlia Lopes de Almeida".

Autoria:
Ana Helena Cizotto Belline (PUCCAMP)

Resumo:

Estudo da produção literária de Júlia Lopes de Almeida na sua fase campineira, na maior parte inédita em livro: 64 textos - crônicas ou contos - publicados entre 1881 e 1886, nos jornais *Gazeta de Campinas* e *Diário de Campinas*.

Comparação entre a primeira versão dos textos e as demais: o processo evolutivo da ideologia expressa e dos procedimentos técnico-narrativos.

Relação com a obra de Maria Amália Vaz de Carvalho e *A mulher*, de Michelet.

Análise das estratégias de dissimulação ou apagamento da voz enunciadora do discurso.

Título da Pesquisa:
"A representação de gênero em textos de autoria feminina e masculina".

Autoria:
Belmira Magalhães (UFAL)

Resumo:

Foram analisados romances escritos por mulheres e homens com o objetivo de perceber a posição da escritura romanesca em relação às questões relacionadas à problemática de gênero. A hipótese que norteou o trabalho foi a de que a visão *conservadora* ou *progressista* dos papéis sociais de gênero, estava diretamente relacionada ao lugar ideológico dos escritores sobre as relações sociais em geral e não ao sexo dos mesmos. A pesquisa contou com a participação de alunos/as de pós-graduaçao e de graduação.

Como referenciais teóricos de análise foram utilizados os conceitos marxistas de ideologia, classes sociais e função da arte, a discussão feminista sobre as relações de gênero e de classe, além de conceitual sobre a escritura feminina.

As análises demonstraram que as relações entre classes sociais e gênero não apresentam uma correspondência direta, mas, são perpassadas pela mediação do tempo histórico da escritura. No entanto, nos textos analisados, constatou-se uma correspondência direta entre uma visão conservadora da sociedade e uma visão conservadora das relações de gênero, o que nem sempre ocorreu, quando existia uma visão progressista da sociedade.

Título da Pesquisa:
"Sob as luzes e as sombras do Iluminismo: a obra de Teresa Margarida da Silva e Orta".

Autoria:
Ceila Ferreira Brandão (USP)

Resumo:

Preparação de uma edição crítica da obra literária de Teresa Margarida da Silva e Orta (1711 ou 12 - 1793), acrescida de suas cartas, petição e novena.

A edição crítica será formada pelas seguintes partes: introdução (informações sobre Teresa Margarida e comentários acerca dos procedimentos de edição); textos apurados; aparato crítico; glossários; reprodução das cartas encontradas; índice onomástico; índice topográfico; índice de palavras e índice geral.

Após essa parte, que chamaremos de crítica textual, apresentaremos dois estudos de nossa lavra. O primeiro estudo versará sobre a literatura e a sociedade no Brasil e em Portugal, de 1711-1818. O segundo estudo versará sobre as escritoras que produziram suas obras no Brasil e em Portugal, nos séculos XVII e XVIII.

Adotaremos a perspectiva da Nova História e a Tese trará ilustrações do período estudado.

Título da Pesquisa:
"Um espelho para Narcisa - reflexos de uma voz romântica".

Autoria:
Christina Ramalho (UFRJ)

Resumo:

O projeto *Um espelho para Narcisa - reflexos de uma voz romântica* pretende trazer à tona o nome da poetisa Narcisa Amália (1852-1924), mulher notável, que obteve considerável fama em sua época a partir da publicação de seu livro de poesias - *Nebulosas* - e que, por uma série de ocorrências, entre boatos e difamações, não deu continuidade às suas atividades de poetisa e jornalista.

A partir do conhecimento de sua biografia e da leitura crítica tanto de seus poemas quanto de seus artigos na imprensa fluminense e nacional, ser-nos-á possível reconhecer a importância de Narcisa no percurso literário brasileiro, legitimando-a como mais uma das vozes injustamente condenadas pela tradição crítica brasileira patriarcalista e preconceituosa.

Título da Pesquisa:
"Henriqueta Lisboa - uma biografia intelectual".

Autoria:

Constância Lima Duarte (UFRN)

Resumo:

Esta pesquisa pretende construir o perfil intelectual de Henriqueta Lisboa, cuja obra poética representa uma significativa referência ao conhecimento da poesia - tanto mineira como nacional, principalmente daquela realizada por mulheres. A autora dedicou-se também à crítica, à tradução, à reflexão dos principais temas de sua época e manteve correspondência com intelectuais do país e do exterior, como a escritora Gabriela Mistral. A diversidade de sua obra - cerca de trinta títulos, entre poemas, ensaios, crítica literária, traduções e antologias - revela os diferentes interesses que a mobilizaram, bem como as muitas contribuições que nos legou.

Título da Pesquisa:

"Gênero e Comparativismo: um estudo do imaginário masculino e feminino na representação literária".

Autoria:

Eduardo de Assis Duarte (UFMG)

Resumo:

O projeto tem como premissas básicas: 1) o reconhecimento das diferenças de gênero no campo do imaginário cultural e, mais especificamente, no âmbito da representação literária; 2) a necessidade de se construir novos paradigmas para o exercício da Literatura Comparada, em consonância com as reflexões levadas a cabo pelas Ciências Humanas na contemporaneidade. Nestes termos, pretende confrontar escritos de autoria masculina e feminina, em especial, no tocante à representação da mulher enquanto sujeito erótico.

Título da Pesquisa:

"A mulher-artista na obra de escritoras norte-americanas contemporâneas".

Autoria:

Eliane Campelo (UFRS)

Resumo:

Este trabalho tem como objetivo abordar o Künstlerroman feminino, ou seja, o romance de artista, na tradição literária norte-americana, com enfoque nas categorias desse gênero literário em relação à protagonista/artista e seu percurso como mulher e como artista no âmbito familiar e social em busca de sua identidade no espaço privado e público. O corpus de análise inclui romances de escritoras norte-americanas contemporâneas como Anne Tyler, Sarah Smith, Whitney Otto, entre outras. Algumas obras de escritoras do fim do século XIX até meados do século XX são recuperadas com o fim de exemplificar o comportamento da artista nas mesmas e mostrar diferenças paradigmáticas entre essas obras e as contemporâneas.

Título da Pesquisa:
"Contemporaneidade na literatura nordestina".

Autoria:
Elizabeth Marinheiro

Resumo:

Colocando-se entre parêntesis os movimentos pós-64, o ciclo das Vanguardas e o Tropicalismo, há que perceber a virada da Literatura Brasileira, a partir de 1970. Sabendo-se que a Literatura, antes de ser francesa, brasileira ou nordestina, é suficiente em si mesma e recusando-se o engaiolamento de autores nesta ou naquela tendência estética, a pesquisa não será desvinculada da aliança com o painel nacional e enfatizará os discursos mais recorrentes em determinadas obras, independente da ordem cronológica de seu aparecimento. Banidos os modelos do epigonismo, restará estudar a contemporaneidade da ficção nordestina à luz da "tradição ambígua, feita de absorções e transgressões." Daí, a valorização de dicções, tais como: a memória, a autobiografia, o metapoético, o carnavalesco, fantástico/regional, o sócio/político, o autoreflexivo, etc. Entretanto, a pesquisa privilegiará os discursos marginais, estejam eles ancorados no universo urbano ou nos espaços do mangue.

Título da Pesquisa:
"Resgate da Memória: escritoras do Rio de Janeiro - século XIX".

Autoria:
Elódia Xavier (UFRJ)

Resumo:

Meu Projeto faz parte de um Projeto Integrado que se propõe a fazer o resgate das escritoras do Rio de Janeiro - aí tendo nascido ou vivido - durante os séculos XIX e XX. Este trabalho de revisão tem sido apontado como uma das preocupações da crítica feminista que, segundo Vera Queiroz, "se dá através do estudo e recuperação das obras de mulheres escritoras, em especial aquelas que produziram no século XIX, propondo novos enfoques e contrapondo interpretações diversas das que a tradição crítica masculina tem oferecido." (*Crítica Literária e estratégias de gênero*, p. 50)

O objetivo é dar visibilidade a uma produção submersa pelo cânone hegemônico, através do registro da biografia, do levantamento das obras, de um resumido estudo crítico e da bibliografia passiva de cada uma das autoras selecionadas. Trabalho arqueológico cujos resultados superam de longe as expectativas, porque revelam uma produção valiosa para a revisão da nossa história literária.

Título da Pesquisa:
"A literatura de autoria feminina dos séculos XIX e XX na Bahia".

Autoria:
Ivia Iracema Duarte Alves (UFB)

Resumo:

A partir do mapeamento da rede de ligações de Amélia Rodrigues (1860-1923), escritora baiana que dominou o cenário literário e editorial baiano entre 1890 até sua morte, como poeta, dramaturga, jornalista e fundadora de revistas foi possível levantar as inúmeras escritoras que viveram e produziram textos no século XIX, a partir de 1880, no estado. Assim, de um projeto monográfico sobre Amélia Rodrigues (concluído em agosto de 1997), pode-se fazer uma nova proposta de pesquisa sobre as escritoras baianas e suas possíveis vinculações com as "3 ondas feministas".

O presente projeto pretende resgatar as escritoras locais, analisar suas produções (com vistas à publicação de catálogos, antologias e obras) e articulá-las às idéias feministas da época e mapear as atuações em periódicos e associações. Por outro lado, evidenciar a escolha de gêneros e a rede de publicações que se forma entre elas por todo o país. No momento, a pesquisa está centrada no levantamento das escritoras do século XIX e nos primeiros levantamentos das autoras que iniciaram sua vida literária na década de 60.

Título da Pesquisa:
"As mulheres na imprensa de Alagoas: de 1900 a 1940."

Autoria:
Izabel F. O . Brandão (UFAL)

Resumo:

Nesta comunicação pretendo falar sobre os primeiros resultados de pesquisa sobre a literatura escrita por mulheres na imprensa em Alagoas, na primeira metade deste século.

Pretendo, ainda, mostrar alguns dados da pesquisa, especificamente acerca do tipo mais incidente de produção escrita pelas mulheres que conseguiram romper com os valores da época no Estado de Alagoas.

Título da Pesquisa:
"A questão do cânone: o caso da literatura testemunho."

Autoria:
Lívia Maria de Freitas Reis (UFF)

Resumo:

A pesquisa que pretendo relatar no próximo encontro do GT Mulher e Literatura, da ANPOLL, nasceu de uma das vertentes que surgiram enquanto me

dedicava à redação de minha tese de doutorado, Contar/contar-se: ficção feita de histórias e História, defendida na USP, em abril de 1997.

A tese, sobre a obra de Isabel Allende, trata, entre outros temas, das relações entre literatura de autoria feminina e o cânone da considerada "grande literatura". A partir da obra de Allende aos poucos fomos percorrendo um caminho que aponta para um grande número de obras de natureza testemunhal, sejam elas ficção ou não.

As narrativas testemunho têm ocupado um grande espaço nos estudos sobre literaturas marginais, principalmente na América Latina, lugar onde o "gênero" nasceu e se desenvolveu. Obras como Me llamo Rigoberta Menchú ou Si me dejan hablar: testimonio de Domitila Barrios, já se tornaram paradigmas do gênero e são exemplos preciosos da fala da margem, não apenas por serem mulheres, mas sobretudo, por serem subalternas.

Em nossa pesquisa atual estamos trabalhando com o testemunho, não apenas por ser um gênero bastante freqüentado, mas sobretudo, porque no caso da literatura escrita por mulheres, os testemunhos, as biografias e as histórias de vida se mesclam cada vez mais à narrativa de ficção.

Título da Pesquisa:
"A tradição desviante".

Autoria:
Lúcia Helena Vianna (UFF)

Resumo:
A pesquisa realizada de 1995 a 1997, com o apoio do CNPq, nos levou a estabelecer um corte na produção ficcional das mulheres no Brasil, configurando uma geração de escritoras que têm em Clarice Lispector o evento inaugural de uma discursividade de ruptura com o paradigma convencional da ficção. Nosso propósito consiste, pois, em apresentar os aspectos de singularidade desse discurso, marcado pela radicalidade crítica de Hilda Hilst, pela ficção pós-colonial de Marilene, pelos traços de exclusão do sujeito em Lya Luft e alcança o máximo de desterritorialização no texto de Sônia Coutinho.

Título da Pesquisa:
"Letra de canção e poética feminina".

Autoria:
Luiz Fernando Medeiros de Carvalho (UFF)

Resumo:
A partir da intersecção das teorias do feminino com a leitura psicanalítica de Jacques Alain Miller e as reflexões de Jacques Derrida sobre a diferença sexual, este projeto pretende analisar as imagens do feminino propostas pelas letras de canção e pela poesia feminina. O corpus mínimo constitui-se de seis textos de Adriana Calcanhoto a partir dos quais definir-se-á o campo da interpretação.

Título da Pesquisa:
"Escritoras do Rio de Janeiro: século XX".

Autoria:
Luiza Lobo (UFRJ)

Resumo:

Como coordenadora do projeto integrado, busquei definir suas principais metas no sentido de resgatar e divulgar a literatura de autoria feminina das escritoras que nasceram ou viveram na cidade ou no Estado do Rio de Janeiro e que aqui publicaram pelo menos uma obra literária bem como a bibliografia a seu respeito. Coordeno também uma *homepage*, que inclui a revista *on-line Mulheres e Literatura* e um boletim informativo, e tem recebido centenas de cartas de leitores do Brasil e do exterior (ver http:w3.openlink.com.br/nielm) buscando intercâmbio e informações.

Dentro da minha pesquisa pessoal, que diz respeito às escritoras do século XX, organizei um *Guia de escritoras do século XX*, que inclui as do Rio de Janeiro, de acordo com um formato biográfico e bibliográfico de minha autoria.

Título da Pesquisa:
"A memória do trovadorismo galego-português na poesia novecentista (galega, portuguesa e brasileira)".

Autoria:
Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ)

Resumo:

O projeto de Pesquisa que desenvolvemos atualmente, na UERJ, intitula-se *A memória do trovadorismo galego-português na poesia novecentista (galega, portuguesa e brasileira)*. Nele, damos prosseguimento às nossas reflexões sobre a retórica da opressão vitimadora da mulher, das quais resultaram publicações como o título *Rastros de Eva no Imaginário Ibérico (secs. XII a XVI)*, publicado pela Ed. Laiovento (Santiago de Compostela, 1995). Na seqüência, estudamos, dentre outros aspectos, o lugar das poetisas (Cecília Meireles, Hilda Hilst, Fiama Hasse Pais Brandão, Stella Leonardos etc) na poesia atual de tendência dita *neotrovadoresca* e a sua relação com a poesia coeva de autoria masculina de igual tendência, bem como as suas interligações com os cantares dos trovadores medievais, notadamente os galego-portugueses.

Título da Pesquisa:
"A crônica brasileira de autoria feminina".

Autoria:
Maria Helena M.F. de Mendonça (UFRJ)

Resumo:

Esta pesquisa elabora uma reflexão crítico-literária da crônica brasileira escrita por mulheres, analisando, num gênero narrativo tão ambíguo e singular, as peculiaridades do discurso de autoria feminina.

Observamos que em sua ânsia de "comunicar-se" ao mundo, e com o mundo, a mulher cronista transpõe as fronteiras do universo privado, realizando sua escritura a partir de uma relação mais ampla com o universo público, lado a lado com o(s) discurso(s) do(s) outro(s).

Para sistematizar o percurso destas escritoras, do século XIX até a época contemporânea, selecionamos, *a priori*, textos de Nísia Floresta (1810-1885), Carmen Dolores (1852-1910), Cecília Meireles (1901-1964), Raquel de Queirós (1910), Clarice Lispector (1925-1977) e Marina Colasanti (1937).

Título da Pesquisa:
"Personagens femininas na literatura cearense".

Autoria:
Maria Osana de Medeiros Costa (Souza Marques)

Resumo:

Pesquisa sobre a personagem feminina no romance cearense, abrangendo textos de autoria feminina e masculina. O critério de seleção desses textos não obedece necessariamente a nenhuma cronologia, nem a estilos de época. O que se pretende é mostrar a personagem feminina sob a influência da terra, dos costumes e do fatalismo sociológico, integrada na realidade cultural do Nordeste, sofrendo imposições sociais, políticas e religiosas, capazes de revelar o "destino" cultural imposto à mulher. Mesmo quando essas personagens transgridem as regras ditadas pela cultura, é possível encontrar nelas ainda, a voz e a ótica masculina.

Título da Pesquisa:
"A Condição Feminina na Narrativa de Júlia Lopes de Almeida e Kate Chopin".

Autoria:
Nadilza Martins de Barros Moreira (UNESP)

Resumo:

A proposta apresentada compreende minha tese de doutoramento em teoria literária, desenvolvida na UNESP, campus de São José do Rio Preto, S.P. O objeto de

estudo foi a narrativa das escritoras, a brasileira Júlia Lopes de Almeida (1862 - 1934) e a americana Kate Chopin (1850 - 1904).

Tentei traçar a condição feminina revelada por estas ficcionistas, contemporâneas entre si, não obstante marcadas por diferenças e semelhanças profundas, sobretudo, no que concerne aos aspectos sócio-culturais referentes ao universo feminino, na construção das personagens, figuras emergentes ao apagar do século XIX.

O tripé de sustentação da pesquisa, escritora/escritura/crítica feminista, apoiou-se, fundamentalmente, nos aspectos temáticos comuns à narrativa destas mulheres-escritoras. Ambas fadadas ao esquecimento, ao ostracismo, não fora o trabalho de resgate e reafirmação do valor da obra literária de ambas, da relevância das respectivas contribuições para a reconstrução da história e da tradição literária e cultural das sociedades estudadas.

Título da Pesquisa:
"O outro como sujeito: a mulher e o conto nas literaturas contemporâneas de língua inglesa".

Autoria:
Peonia Viana Guedes (UERJ)

Resumo:

Estudo do conto produzido por mulheres nas literaturas contemporâneas de língua inglesa. Investigação das condições de produção, das estruturas temáticas, da construção de personagens, e das estratégias narrativas em contos produzidos por mulheres de diferentes etnias nas literaturas de língua inglesa das últimas três décadas. Seleção de obras que serão analisadas de acordo com os postulados da crítica feminista e dos estudos teóricos sobre o conto. Publicação de material bibliográfico e crítico sobre autorias e contos selecionados.

Título da Pesquisa:
"Do sujeito mulher e da categoria de gênero: reflexões de um lugar, de um fazer, de um saber".

Autoria:
Rita Terezinha Schmidt (UFRS)

Resumo:

Na busca de princípios que subjazem as nossas práticas e que sustentam a razão de ser do GT Mulher e Literatura, em sua inserção diferencial no espaço institucionalizado do saber, identifico algumas questões que balizam de forma implícita ou explícita o nosso percurso, e cujas implicações impõem nesse momento, uma visada analítica, como objetivo de elucidar e delinear as bases epistemológicas de nosso fazer. Essas questões são traduzidas nas perguntas:

1) Em que base podemos reivindicar nossa(s) especificidade(s) no espaço público da produção do conhecimento?
2) Como transitamos no contexto dos deslocamentos teóricos produzidos pelo feminismo, em suas vertentes norte-americana e européia?
3) Como postular a afirmação de sujeitos femininos engajados num lugar de enunciação e num espaço de agenciamento sem recair, seja na noção ingênua e reificada da experiência e da identidade, seja na dispersão do sujeito e no esvaziamento textual da experiência pelo pós-estruturalismo?
4) Como pensar a diferença entre os limites da ontologia e a base redutora do determinismo lingüistico?
5) Podemos fazer concessões ao essencialismo? à (in)diferença?
6) Que formas pode assumir a apropriação das categorias "mulher" e "gênero"?
7) O que significa articular uma posicionalidade num contexto marcado pelo vácuo?

Em outras palavras, minhas reflexões procuram problematizar o que fazemos, como o fazemos, e o que queremos.

Título da Pesquisa:
"O perfil feminino na obra de José Lins do Rego: das sombras à definição".

Autoria:
Sandra Maria Pereira do Sacramento (UFRJ)

Resumo:

A figura feminina, na obra de José Lins do Rego, mais especificamente, no Ciclo da Cana-de-Açúcar e na obra madura Fogo Morto, em que a ambiência circunscreve-se ao Nordeste brasileiro, indo do apogeu ao declínio da oligarquia rural açucareira, é o tema do nosso projeto.

A figura feminina, nestas narrativas, se, a princípio, tem a voz cerceada pelo poder patriarcal rural, reforçando mesmo o dado da série social instituído, na medida em que já não existe possibilidade de sobrevivência plena para todos, surge como potencialidade de alternativa, de mudança, pois só ela tem discernimento para enfrentar a derrocada de uma oligarquia; sustentada na mão-de-obra escrava.

Título da Pesquisa:
"Gênero e Paródias de Gênero: As Histórias de Amor de Carter, Winterson e Byatt".

Autoria:
Susana Bornéo Funck (UCPEL)

Resumo:

As histórias de amor codificadas através do gênero literário "romance" podem ser vistas como repositórios ideológicos de relações sociais (especialmente de gênero)

naturalizadas. Várias escritoras feministas contemporâneas nas literaturas de língua inglesa têm se apropriado de tradições historicamente consagradas para desconstruir não apenas as representações de gênero que tais tradições veiculam, mas as próprias estratégias textuais que as constituem. Na maior parte das vezes essa apropriação se dá através da paródia pós-moderna, que Linda Hutcheon define como "transcontextualização", ou o estabelecimento da diferença por meio de uma superimposição textual (*A Theory of Parody*, p. 54). Minha pesquisa tem como objetivo investigar a imbricação do gênero (feminino e masculino) com gênero literário, através da análise das histórias de amor nos romances feministas de Jeanette Winterson, Angela Carter e A.S. Byatt.

Título da Pesquisa:
"A República dos Sentimentos; revista *Única* (1925-27) e espaço feminino no Rio de Janeiro".

Autoria:
Sylvia Perlingeiro Paixão (Faculdade da Cidade)

Resumo:

Análise da participação da mulher na vida cultural do Rio de Janeiro nos anos de 1920, tendo como apoio a revista Única, escrita por mulheres, publicada no Rio de Janeiro de 1925 a 1927. A partir da revisão do movimento modernista, foram estudadas questões relativas ao cânone literário, destacando a importância da crítica feminista contemporânea, no sentido de valorizar certos gêneros considerados fora do literário, como a crônica, o diário, as entrevistas e os testemunhos. O espaço público é revisto sob a ótica feminista, a partir dos pressupostos teóricos de Jurgen Habermas, Richard Sennett e estudiosas do feminismo atual, como Joan B. Landes e Jean Elshstein, recuperando os salões liderados por mulheres na época. A análise da obra de autoras como Chrysanthème, Maria Eugênia Celso, Francisca Basto Cordeiro, mostra que a década de 20 pode ser descrita como um momento de coexistência entre a tradição e o novo. Este fato se contrapõe à crença de que o modernismo brasileiro tenha sido a unanimidade inovadora que o cânone modernista quis provar.

Título da Pesquisa:
"A 'Intuição Feminista' do *agit-prop* no teatro brasileiro em fins do século XIX".

Autoria:
Valéria Andrade Souto-Maior (UFPB)

Resumo:

O presente relato trata de uma pesquisa realizada entre novembro/96 a fevereiro/97, na qual a peça *O voto feminino* - escrita e encenada no Rio de Janeiro em 1890 pela escritora e jornalista Josephina Alvares de Azevedo (1851-?) - é lida como um *trailer* do teatro de *agit-prop* no Brasil.

Inspirada nos anseios de igualdade social para os dois sexos, essa peça traz a marca de uma 'intuição feminista', não só por ter sido utilizada ostensivamente para instrumentalizar a propaganda feita por sua autora em defesa dos direitos sociais e políticos das mulheres brasileiras, mas também por empregar muitos dos recursos formais e estilísticos característicos do teatro de *agit-prop*, que em nosso país só viria a se configurar como tal no início dos anos 60, com as experiências teatrais do CPC da UNE.

Título da Pesquisa:
"Da exclusão à re-visão: escritoras brasileiras do século XIX.".

Autoria:
Zahidé Lupinacci Muzart (UFSC)

Resumo:

Instigada pelo verbete da pesquisadora Maria Thereza Caiuby Crescenti Bernardes, no livro *Mulheres de Ontem? Rio de Janeiro - Século XIX*, procurei maiores informações sobre Luísa Leonardo. São poucos os dicionários que lhe assinalaram a presença nas letras nacionais.

Luísa Leonardo nasceu no Rio de Janeiro em 22 de outubro de 1859 e faleceu em Salvador em 12 de junho de 1926. Foram seus padrinhos de batismo a Virgem Maria (como era costume da época) e o Imperador D. Pedro II, de quem recebeu ajuda valiosa em sua carreira para estudar em Paris onde permaneceu por alguns anos para estudar música com alguns dos grandes mestres da época como Henri Herz. Formou-se em 1879, tendo recebido o primeiro prêmio do Conservatório. Quando voltou da Europa, encontrou o meio acanhado do Rio de Janeiro em que não obteve muita receptividade. Desgostosa, dedicou-se ao teatro, iniciando assim carreira teatral, trabalhando em várias companhias da época. Escreve para jornais e revistas do Rio, São Paulo, Pará, Pernambuco e Bahia. Foi prestigiada artista em sua época pelo público e por músicos e intelectuais, como Carlos Gomes, Olavo Bilac, Machado de Assis, de quem foi amiga. Escreveu peças para revistas teatrais, para canto, violino, flauta, clarineta e, sobretudo, para piano.

No presente trabalho, além das notas biográficas, analiso a obra de Luísa Leonardo, literária e musical. Foi uma personalidade atuante, em sua época, uma artista respeitada. Dessa forma, o resgate tenta fazer justiça a mulheres como ela que, influentes em seu tempo, foram totalmente esquecidas.

ATUALIZAÇÃO BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, Neuma et alli. *Gênero e ciências humanas.* Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

BASSANEZI, Carla. *Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BELTRÃO JR, Synval. *A musa-mulher na canção brasileira.* São Paulo: Estação Liberdade, 1993.

BONACCHI, Gabriela e **GROPPI**, Angela (orgs.) *O dilema da cidadania - direitos e deveres das mulheres.* Trad. Álvaro: UNESP, 1995.

BRANDÃO, Izabel F. O . *Mulher e relações de gênero.* São Paulo: Edições Loyola, 1994.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1994.

BRUSCHINI, Cristina et **SORJ**, Bila (orgs.). *Novos olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil.* São Paulo: Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1994.

CHADWUICK, Whitney. *Mujer, arte y sociedad.* Barcelona: Ed. Destino, 1993.

COSTA, Albertina de Oliveira et AMADO, Tina. (orgs.). *Alternativas escassas: saúde, sexualidade e reprodução.* São Paulo: Editora 34, 1994.

COSTA, Maria Osana Medeiros. *A mulher, o lúdico e o grotesco em Lya Luft.* São Paulo: Annablume, 1996.

COUTINHO, Sônia. *Rainhas do Crime: ótica feminina no romance policial.* Rio de Janeiro: Sete Letras, 1994.

Dicionário de Teologia Feminista. Coord. de Elisabeth Gössmann et alii. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. *Militância e memória.* Rio de Janeiro: Ed. Fund. Getúlio Vargas, 1996.

FUNCK, Susana Bornéo. (org.) *Trocando idéias sobre a mulher e a literatura.* Florianópolis/SC: UFSC, 1994.

GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência.* Criadas e seus patrões no Rio de Janeiro, 1860-1910. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

GUEDES, Peonia Viana. *Em busca da identidade feminina.* Os romances de Margareth Diabble. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1997.

GUIDIN, Márcia Ligia di Roberto. *Roteiro de leitura: A Hora da Estrela de Clarice Lispector.* São Paulo: Ática, 1997.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados: A Questão da Ciência para o Feminismo e o Privilégio da Perspectiva Parcial. *Cadernos Pagu* (5), 1995. Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP/Campinas, SP.

HELENA, Lúcia. *Nem musa, nem medusa.* Niterói, RJ: EDUFF, 1997.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e Impasses.* O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

_____ et **ARAÚJO**, Lúcia N. *Ensaístas brasileiras.* Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

IRIGARAY, Luce. *Être deux.* Paris: Grasset, 1997.

JAGGAR, Alison m. e **BORDO**, Susan R. *Gênero, corpo, conhecimento.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

JULIEN, Philippe. *A feminilidade velada.* Rio de Janeiro: Ed. Companhia de Freud, 1997.

KADOTA, Neiva. *A tessitura dissimulada.* O social em Clarice Lispector. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

LAGOS, Maria Inés. *En tono mayor: relatos de formación de protagonista femenina en Hispanoamérica.* Santiago: Cuarto propio, 1996.

LAMEGO, Valéria. *Cecília Meireles na Revolução de 30.* Rio de Janeiro: Record, 1996.

LIVI, Grazia. *As letras do meu nome.* Trad. Rachel Gutierrez. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

LUNDGREN-GOTHLIN, Eva. *Sex & Existence. Simone de Beauvoir's 'The Second Sex.'* London: The Anthlone Press, 1996.

MADEIRA, Felícia Reicher. *Quem mandou nascer mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

MENEZES, Adélia Bezerra. *Do poder da palavra.* Ensaios de literatura e psicanálise. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MILLS, Sara. *Feminist Stylistics*. London: Routledge, 1995.

NICHOLSON, Linda & **STEVEN**, Seidman (Ed.) *Social postmodernism: beyond identity Politics.* Cambridge: Cambridge University, 1995.

_____, Linda. (Ed.) *The second wave.* A reader in feminist Theory. Routledge, 1997. (participação de Judith Butler, Zillah Eisensteins, Nancy Chodorow, Simone de Beauvoir, Gayatri Spivak, Luce Irigaray, Heidi Hartmann.

PRIORE, Mary del. *Histórias das mulheres no Brasil* (org.). São Paulo: Ed. da UNESP/Ed. Contexto, 1997.

_____. *Ao sul do corpo - condição feminina.* Maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, Brasília: EDUNB, 1993.

QUEIRÓS, Vera. *O vazio e o pleno.* A poesia de Adélia Prado. Goiânia: Edit/UFG, 1994.

_____. *Crítica literária e estratégias de gênero.* Niterói: EDUFF, 1997.

RABINOWITZ, Nancy Sorkin & **RICHLLIN**, Emy (ed.). *Thinking Gender.* New York: Routledge, 1993.

ROCHA, Roseli Gimenes Alves da. *A menina de Lacan: um conto rosa.* São Paulo: Hacker, 1996.

SARGISSON, Lucy. *Contemporary Feminist Utopianism.* London: Routledge, 1996.

SCARPADO, Helena. *Cidadãs brasileiras: o cotidiano das mulheres trabalhadoras.* Rio de Janeiro: Revan, 1996.

SCHMIDT, Rita Therezinha. *Mulheres e Literatura. (Trans)formando identidades.* Porto Alegre: Palloti, 1997.

SCOTT, Joan Wallach. *Feminism & History.* Oxford: Oxford University Press, 1996.

SHOWALTER, Elaine. *Anarquia Sexual. Sexo e Cultura no Fin de Siècle.* Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

THÉBAUD, Françoise. *História de las mujeres.* (Trad.) El siglo XX. Madrid: Taurus, 1995.

THREADGOLD, Terry. *Feminist Poetics.* Austrália: Routledge, 1997. (Obs. A influência do pós-estruturalismo e do feminismo na poética e o estudo das formas textuais ready-made.)

VIANA, Maria José Mota. *Do sótão à vitrine.* Belo Horizonte: UFMG, 1995.

VIANNA, Lúcia Helena. *Escenas de amor y muerte en la ficción brasileña.* El juego dramático de la relación hombre mujer. La Havana/Cuba: Casa de las Américas/Colcultura, 1996.

WAHBA, Liliana Liviano. *Camille Claudel. Criação e loucura.* Rio de Janeiro: Record, 1997.

WARHOL, Robyn R. and **HERNDL**, Diane Price ed. *Feminisms. An anthology of literary theory and criticism.* New Jersey: Rutgers University Press, 1993.

XAVIER, Elódia. (org.) *Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura.* Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

_____. *Declínio do patriarcado.* A família no imaginário feminino. Rio de Janeiro: Record, 1998.

REVISTAS

ACERVO. Revista do Arquivo Nacional. Estudos de Gênero. v. 9, n. ½. jan/dez., 1996.

BRANDÃO, Izabel F. O . (org.) LEITURA: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. A mulher na Literatura: Texto e Cont/Texto, n. 18, dez. Maceió/AL: UFAL, 1996.

Cadernos Pagu. n. 6/7. Raça e Gênero. São Paulo: UNICAMP/PAGU, 1996.

Cadernos Pagu. n. 8/9. Gênero, narrativas, memórias. São Paulo: UNICAMP/PAGU, 1997.

ESTUDOS FEMINISTAS Rio de Janeiro:CIEC/ECO/UFRJ. (Revista semestral, de 93 em diante).

GONÇALVES, Luzilá. (Coord.) *Em busca de Targélia.* Poesia escrita por mulheres em Pernambuco no segundo oitocentismo (1870-1920). Recife: FUNDARTE, 1996. T. II

NADAF, Yasmin (org) *Sob o signo de uma flor.* Estudo da revista. A violeta, publicação do Grêmio Literário "Júlia Lopes" - 1916 a 1950. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1993.